

A VOZ SILENCIADA DA PERSONAGEM DE ORLANDA AMARÍLIS

Aline Azevedo Rocha Duim¹
Nícea Helena de Almeida Nogueira²

Resumo: O presente artigo tem por objetivo analisar a questão da identidade feminina em situação de diáspora. O objeto de análise será o conto “Desencanto” da autora cabo-verdiana Orlanda Amarílis, publicado em sua primeira coletânea intitulada *Cais-do-Sodré-te-Salamansa*. A autora nos apresenta uma personagem que migra para Lisboa em busca de melhores condições de sobrevivência. Sendo assim, percebe-se como a opressão masculina é sentida pela personagem do conto em seu encontro com o homem branco português.

Palavras-chave: identidade; diáspora; Orlanda.

Sempre houve um deslocamento de pessoas e mercadorias entre Portugal e suas colônias. Nessas circulações, as mulheres tiveram intensa participação, embora constantemente discreta e submissa ao poder imposto pelas ideias do século XX. Marcadas por posições abstratas com sua inscrição de gênero concreta, elas participaram do processo colonial em papéis inferiores e submetidos aos preceitos do casamento e da família.

Da mesma forma, as mulheres africanas também traçaram sua rota rumo à metrópole em busca de trabalho e melhores condições de vida.

Partindo da premissa de que as mulheres sempre foram os “outros” dentro de suas próprias culturas, é interessante salientar que, deslocadas de suas colônias, elas continuaram sendo excluídas ao se depararem com o homem branco colonizador na metrópole. Assim sendo, coloco em apreciação um texto que nos remete ao período em que se deram os últimos impulsos colonialistas do regime salazarista, no período compreendido entre os anos 50 e 70 do século XX. Sua protagonista é uma mulher, mulata, vinda de uma ilha do arquipélago de Cabo Verde. Trata-se, portanto, do conto “Desencanto”, publicado no livro *Cais-do-Sodré té Salamansa*, da autora cabo-verdiana Orlanda Amarílis.

A autora nasceu em Assomada, cidade situada na ilha de Santiago, em Cabo Verde, a 8 de outubro de 1924. A maior parte de sua vida foi fora do arquipélago,

¹ Graduada em Letras (CES/JF), Especialista em Língua e Literatura do Brasil no século XX (CES/JF) e em Ensino de Língua Portuguesa (UFJF), Mestranda em Letras (UFJF). Contato: aline.prof11@yahoo.com.br

² Graduada em Letras (UEM), Mestre e Doutora em Letras: Teoria da Literatura (UNESP), Professora Adjunta da UFJF. Contato: nicea.nogueira@ufjf.edu.br

terminando seus estudos de Magistério em Goa e, depois, cursou a Faculdade de Pedagogia em Lisboa, onde finalmente se estabeleceu. Orlanda publicou três livros de contos: *Cais-do-Sodré té Salamansa* (1974), *Ilhéu dos pássaros* (1982) e *A casa dos mastros* (1989). Orlanda Amarílis foi o primeiro nome feminino a ganhar destaque na literatura internacional por trazer ao cenário literário o cotidiano da mulher, tanto aquelas que emigram em busca de melhores condições de sobrevivência quanto as que permanecem na ilha enfrentando as adversidades impostas devido à escassez de chuvas e recursos do arquipélago.

Proveniente de um movimento literário surgido em 1940, em Cabo Verde, o qual tinha como meio de publicação a *Revista Certeza*, a autora Orlanda Amarílis lançou textos que objetivavam denunciar injustiças sociais e debater e garantir a legitimidade da literatura cabo-verdiana como representante de uma arte que defendesse a igualdade de oportunidades para as mulheres. Assim sendo, torna-se imprescindível o papel desempenhado pela autora cabo-verdiana que, dentre os escritores africanos, foi capaz de ultrapassar diversos obstáculos em relação à sua condição de mulher para refletir criticamente sobre a condição social, política e cultural de seu país. Orlanda Amarílis esteve sempre em busca da essencialidade cabo-verdiana. Com isso, propõe a ruptura com a alienação do colonizado, a aculturação e a condição inferiorizante para desencadear a valorização da cultura local e, com ela, o despertar da consciência nacional. Os contos orlandianos são estudados como a produção mais rica da literatura de Cabo Verde, quando não de toda produção feminina africana. Nas palavras de Jane Tutikian: “Não obstante sua importância para o sistema literário de seu país e, ainda, o fato de ser uma das mais importantes escritoras dos cinco países africanos de língua portuguesa, pouco se conhece da obra de Orlanda Amarílis, embora traduzida em vários países”. (2008, p. 239).

Orlanda Amarílis, uma voz a expressar a identidade de seu país, é, na visão de Tutikian (2008), um exemplo de escritora que potencializa ficcionalmente histórias de mulheres, revelando a condição feminina no sistema patriarcal e denunciando a objetualização da mulher de forma a construir uma consciência do feminino e a corroborar para dar sentido à história de seu país com uma consciência que se estende a todas as minorias. Para Tutikian, a grande personagem de Orlanda Amarílis “é o cabo-verdiano, o povo que aquelas mulheres representam, no arquipélago e em Lisboa, sobretudo, mergulhando em duas vivências e em duas memórias” (2008, p. 46).

Analisando detidamente os contos orlandianos, é possível afirmar que grande parte deles apresenta algumas características comuns, referentes ao fazer literário. Dentre eles, pode-se destacar a ocorrência de enredos cujo tema colocado em análise é a condição de personagens que vivenciam a diáspora e a presença de narradores que, na maioria das vezes, enunciam de um lugar intermediário e marginal. Acredita-se que essa recorrência proporciona a reflexão sobre os deslocamentos vivenciados pelos personagens que podem ser entendidos como representação do povo das ilhas cabo-verdianas, o que dá à obra um caráter coletivo.

Enredos como esses comprovam que Amarílis, como intelectual do entre-lugar, acaba trazendo para sua obra, ainda que metaforicamente, as incoerências e os conflitos próprios da experiência diaspórica e fronteiriça vivida por seus conterrâneos. O sujeito do entre-lugar realinha as fronteiras de espaço e tempo e, como almeja Bhabha (1998), faz com que o “além” seja um espaço de intervenção no aqui e no agora. Esse sujeito é um novo elemento cultural que surge do embate da tradição com a contemporaneidade e as transformações que dele emanam podem ser percebidas em obras como as de Orlanda Amarílis. E, assim como nos afirma Edward Said “viver entre culturas, entre mundos, se traduz em um esforço por trabalhar com as metades díspares da experiência” (2003, p. 309).

A literatura escrita por Orlanda é considerada migrante, pois traz enunciações da tensão vivida em outra nação e as situações do passado em Cabo Verde. Essa retomada pela memória segue o padrão neo-realista que, segundo Benjamin Abdala Júnior é:

uma corrente artística voltada para uma inserção crítica no real, e suas perspectivas de transformação. Ao contrário dos produtos estandardizados da mundialização procurou, como acontece em Orlanda Amarílis, a identidade de seus produtos culturais (identidades individuais, regionais, ou nacionais). (1999, p. 88).

Sendo assim, a literatura de Orlanda aborda a resistência da mulher crioula dentro e fora de seu país, o que contribui para entender a posição feminista da autora. De acordo com Suely Alves Carlos (2010, p. 198): “a ficção literária de Orlanda Amarílis proporciona a visão de uma ampla galeria de mulheres solitárias, mas subversoras da ordem de antigos modelos que as pretendiam submissas [...]”.

À mulher emigrante estão destinados os trabalhos subalternos, já que elas não possuem uma qualificação digna de funções mais intelectualizadas, devido aos poucos recursos com os quais conviviam em suas ilhas. A baixa remuneração que recebem as

obrigam a morar em regiões periféricas de Lisboa para que consigam enviar parte de seu ganho à família que ficou em Cabo Verde. “ Não se pode esquecer que, do montante do capital que circula nas ilhas, a maior parte provém dos cabo-verdianos que vivem no exterior.” (CARLOS, 2010, p. 200).

O termo “subalterno” refere-se, em princípio, à classe trabalhadora e foi utilizado pelo Pós-colonialismo e pelo Feminismo para designar os grupos dominados e marginalizados. De acordo com Spivak (1988), a mulher sofreu uma tripla opressão: “Se num contexto de produção colonial, o subalterno carece de história e não pode falar, o subalterno feminino está muito mais numa situação ruim [...]. Ademais, o fato de ser pobre, negra e mulher merece um triplo castigo. (p. 287).”

Esse silêncio e a existência marginal provêm da circunstância de que a história foi contada e escrita pelo povo dominador, desse modo, o povo dominado ocupa apenas um lugar subalterno nesse cenário. Spivak aponta, em sua obra, a urgência em extinguir a mudez da mulher subalterna, dando a esta a oportunidade de falar. É isso que será visto mais a frente com uma personagem denominada criada pela autora cabo-verdiana.

Orlanda Amarílis deixa transparecer, em seus contos que, mesmo excluídas da sociedade da metrópole, essas mulheres em diáspora são responsáveis pela construção das riquezas dos países europeus , principalmente Portugal, para onde vai a maior parte da população de Cabo Verde. Como destaca Suely Carlos, essas emigrantes mereciam uma acolhida de honra em Lisboa:

[...] cerca de 800 mil vivem fora, ou seja, mais do que a população que permanece no arquipélago, ajudando no desenvolvimento do país, enviando importâncias capitais para construir casas, educar crianças e promover pequenas empresas, tornando a emigração um ponto central na discussão sobre como diminuir a pobreza em terras cabo-verdianas. (2010, p. 200).

Em suas obras literárias, Orlanda Amarílis aborda a temática da diáspora e da identidade cultural, tendo como consequência a exclusão cultural e abordando sempre a perspectiva de gênero, uma vez que sabe que as jovens emigrantes estão destinadas a serem excluídas socialmente no país para o qual emigrou. Esses países, particularmente Portugal, onde a capital Lisboa recebe muitos cabo-verdianos, não permite que esses se coloquem na posição de sujeito. À mulher esse direito é duplamente negado por serem imigrantes em terras portuguesas e mulheres mulatas.

As mulheres orlandianas sofrem a crise de identidade que não passa despercebida aos olhos da autora. Uma personagem inominada de um de seus contos relata que, mesmo não se sentindo parte da nova nação, também não quer retornar a Cabo Verde por ter uma visão negativa por causa das privações que passou em sua terra natal. Portanto, as mulheres preferem viver excluídas no novo país.

Agentes-suplentes de homens-sujeitos ocultos ou esporádicos, as heróinas de Orlanda marcam sua trajetória pelas propriedades da mulher-objeto no contexto de tradição machista que se definem com situações e experiências caracteristicamente delas, com as marcas históricas ou de natureza que então as distinguem dos homens. (CARLOS, 2010, p. 202).

No conto intitulado “Desencanto”, conto escolhido para este estudo, Orlanda narra a trajetória de uma personagem cabo-verdiana, em diáspora na terra lisboeta, que sofre para assimilar a cultura da metrópole e se livrar da alienação que a acompanha. A personagem do conto é mulata, representante daqueles imigrantes provenientes de países aos quais se impôs a visão do colonizador como superior e o colonizado como inferior.

Nessa perspectiva, a personagem do conto tende a vivenciar vários tipos de preconceitos e através de seu dia a dia, Orlanda nos mostra que a personagem é indiferente para os naturais de Lisboa que são totalmente voltados a si mesmos.

Embora não consiga estabelecer relações pessoais mais profundas e duradouras com os naturais da metrópole, a personagem cabo-verdiana rejeita os de sua origem. O local em que ela se situa a faz almejar o homem branco como um passaporte para ingressar no mundo dos portugueses. (CARLOS, 2010, p. 206).

Dessa forma, a jovem cabo-verdiana se sente excluída e não reconhecida em seu sacrifício, fato que se evidencia quando, no trem, ela percebe um homem lendo um jornal cuja manchete chamava de herói alguns jogadores de futebol e então ela se indaga: “não seria ela também uma heroína?”.

De acordo com Simone Pereira Schmit (2009) : “Mesmo que por um momento, a personagem do conto se julgue uma heroína, ela se sente presa às amarras de significados negativos que são atribuídos ao trabalhador imigrante, principalmente sendo esse uma mulher”.(p.187) Inicialmente, ela desfruta de uma sensação, conforme nos relata o narrador em *flash-back*, um período de “deslumbramento” com o mundo novo com o qual se deparou ao chegar à metrópole lusitana e a oportunidade do

primeiro emprego. Todavia, esse primeiro encantamento vem acompanhado do “desencanto” que a personagem deixa transparecer, uma vez que ela pecebe ser “o outro” num país que não é o seu:

No entanto acabou por desistir. Desistir estupidamente sem razão aparente. [...] é verdade. Acabara por se cansar ela a rapariga decidida. Cansou-se de todos: do patrão, dos colegas, dos próprios clientes nem sempre os mesmos. Voltara as costas ao emprego precisamente quando já estava a adaptar-se à vida de pau mandado (AMARILIS, 1991, p. 59).

O conto de Orlanda Amarílis, ao ressaltar a fragilidade da personagem, aponta de forma essencial a experiência vivida por muitas mulheres nas grandes metrópoles, especialmente aquelas vindas dos países sem recursos. O fato de a personagem ser mulher e mulata a leva a projetar no português branco a chance de se aproximar e obter dele a aceitação na sociedade, o que não acontece, e a torna uma condenada à solidão.

É exatamente onde se cruzam gênero, classe e raça que a condição solitária e soturna da personagem, condição de imigrante, estrangeira, mulata e trabalhadora subalterna, se revela em toda sua particularidade, e se mostra dentro de um panorama de relações históricas e políticas e não como um caso isolado. O local em que sua exclusão se faz real, acarretando um sentimento de desencanto e a confirmação de seu não-pertencimento.

A condição diaspórica impossibilita que ela pertença a um dos dois mundos. Nas palavras de Stuart Hall (2003, p. 8): “Conheço intimamente os dois lugares, mas não pertenço completamente a nenhum deles”. E esta é exatamente a experiência diaspórica, longe o suficiente para experimentar o sentimento de exílio e perda, perto o suficiente para entender o enigma de uma chegada sempre adiada. Ela é o sujeito do entre-lugar.

É durante a corrida nos transportes públicos que a mulher cabo-verdiana, nesse conto, reflete sobre sua condição de migrante. A primeira questão que lhe vem à cabeça é justamente sobre o corre-corre de Lisboa em contraste com a calma de Cabo Verde. Interroga-se ainda sobre uma possível volta: “Voltar pra quê? Para vegetar atrás das persianas da cidade parada e espreitar as mulheres trazendo a água do Madeiral em latas à cabeça ou os homens puxando as zorras com os sacos para a casa Morais?” (AMARÍLIS, 1974, p. 58). Essas ponderações a levam reforçar sua decisão de permanecer em Lisboa, desconsiderando a possibilidade de voltar a Cabo Verde.

Percebe-se inclusive que a personagem, no confronto entre os dois locais, prefere viver em Lisboa, que considera mais civilizada.

Durante o itinerário do barco que a conduziria a outra margem do Tejo, na última etapa de sua longa jornada a caminho do trabalho, a personagem percebe, em sua direção, um insistente olhar masculino. Resiste ao olhar e, em seguida, o barco chega ao seu destino. Na descida dos passageiros, ela sente novamente a presença daquele homem muito perto de si: “O homem de chapéu preto está junto dela. Pressente-o pelo faro que já tem dessas aproximações” (AMARÍLIS, 1974, p. 64). Mas a chegada de um amigo e o breve diálogo que os dois homens esboçam deixam transparecer, de forma significativa, as posições desiguais de gênero e raça envolvidas no que até então se mostrava como um inconsequente jogo de sedução: “Um sussurro fala estar atenta. Estas bom, pá? Malandro, estas a fazer te pra mulata. Riem baixo e esse riso é uma afronta” (AMARÍLIS, 1974, p. 64).

A desídia que se percebe no flerte inconsequente do homem desconhecido enuncia aquilo que a personagem mais deseja esquecer, a sua condição de mestiça, diferente, subalterna e fragilizada. Só então, ao final do conto, percebe-se a dolorosa experiência por ela vivenciada, encontrando-se permanentemente enclausurada num corpo definido pelo gênero e pela raça, um corpo colonizado, definido pelo olhar do outro como um corpo de mulata. A cena final do conto demonstra uma mulher triste que foge dos seus compatriotas como a fugir do estigma da cor. Tenta parecer integrada ao ambiente branco europeu, mas tal não lhe é possível. Acaba, portanto, uma pessoa condenada à solidão: “Oh céus! É uma cigana errante, sem amigos, sem afeições, desgarrada entre tanta cara conhecida. (AMARÍLIS, 1974, p. 64). E assim a personagem se depara com o “desencanto” da emigração. Ela percebe que nunca será aceita pela sociedade lisboeta. É um sujeito do entre-lugar, uma vez que não sente vontade de regressar ao arquipélago e nem se sente inserida na cultura portuguesa.

No corpo da personagem de Orlanda, pousa o peso de uma tradição racista e patriarcal, fortemente erotizado, o qual sofre os abalroamentos do preconceito racial associado ao desejo masculino, o que vem explicar aquilo que antes ficara impreciso na fala da personagem. Em sua solidão de cabo-verdiana, mestiça que recusa sua origem buscando, assim, assimilar-se na cultura metropolitana e em sua melancólica condição de desenraizamento, a personagem de Orlanda Amarílis evoca a própria condição, em sentido amplo, dos colonizados estigmatizados, os “condenados da terra” como os chamou o autor martinicano Frantz Fanon.

A ausência de sentido em um improvável retorno a Cabo Verde, sua terra natal, bem como a solidão no presente da vida vazia e vagante na metrópole europeia são traços do estigma das “mulheres-sós”, expressão utilizada por Maria Aparecida Santilli (1985) para ilustrar o descaso sofrido pelas personagens de Orlanda Amarílis.

Referências bibliográficas

ABDALA JÚNIOR, Benjamin. Orlanda Amarílis, literatura de migrante. *Dossiê Via Atlântica*, São Paulo, n. 2, p. 76-89, 1999.

ADORNO, Theodor. *Notas de literatura*. São Paulo: Duas Cidades, 2003.

AMARILIS, Orlanda. Cais-do-Sodré. In: SANTILLI, Maria Aparecida. *Estórias africanas: história e antologia*. São Paulo: Ática, 1985. (Série Fundamentos)

_____. *Cais-do-Sodré té Salamansa*. Lisboa: ALAC, 1991.

BARBOSA, João Alexandre. A modernidade do romance. In: PROENÇA FILHO, Domício (Org.). *O livro do seminário: ensaios*. São Paulo: LR, 1983. p. 19-42.

BARBOSA, Lúcia Maria de Assunção. Léxico e poética: contribuição para um *ficcionário* da obra de Mia Couto. *Versão Beta: sob o signo da palavra*, São Carlos, v. 42, p. 29-36. 2006. Disponível em: <<http://www.versaobeta.ufscar.br/index.php/vb/article/viewFile/11/6>>. Acesso em 20 set. 2017.

BARZOTTO, Leoné Astride. Violência e resistência: olhares oblíquos sobre a literatura de Moçambique. In: BONNICI, Thomas (Org.). *Resistência e intervenção nas literaturas pós-coloniais*. Maringá: Eduem, 2009. p. 306-321.

BENJAMIN, Walter. Paris do Segundo Império. In: _____. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991. p. 9-101. (Obras escolhidas III.).

BHABHA, H. K. *O local da cultura*. Tradução Myrian Ávila et al. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

CARLOS, Suely Alves de. *Identidade, memória e gênero nas obras literárias de Orlanda Amarílis e Clarice Lispector*. Dissertação (Mestrado em Letras: Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Tradução Laurênio de Melo. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Tradução Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: UFMG; Brasília:UNESCO, 2003.

PICCOLLI, Janice Cravo. A língua portuguesa da África lusófona: uma proposta de ensino através da literatura. *Soletras*, São Gonçalo, n. 1, p. 73-79, jan./jun. 2001.

REMÉDIOS, Maria Luíza Ritzel. Apresentação interculturalismo e cidadania: o espaço lusófono. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 43, n. 4, p. 5, out./dez. 2008.

ROSENFELD, Anatol. Reflexões sobre o romance moderno. In: _____. *Texto/contexto*. São Paulo: Perspectiva, 1973. p. 75-97.

SAID, Edward. Entre mundos. In: _____. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p.301-315.

SANTILLI, Maria Aparecida. *Africanidade*. São Paulo: Ática, 1985.

SCHMIDT, Simone Pereira. Viagens fora da minha terra: trânsitos coloniais sob a perspectiva das mulheres. In: GONÇALVES, Ana Beatriz; CARRIZO, Silvana; LAGE, Verônica. (Org.). *Literatura, crítica, cultura III. Juiz de Fora*: Editora da UFJF, 2009, v. , p. 183-193.

TUTIKIAN, Jane. Por uma Pasárgada caboverdeana. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 43, n. 4, p. 42-52, out./dez. 2008.